

A DIDATIZAÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL ENTREVISTA DE EMPREGO NA COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS “VIVER, APRENDER” DESTINADA À EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Haila Ivanilda da Silva; Fabrini Katrine da Silva Bilro; Ana Cláudia de França; Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel

Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte
www.upe.br/matanorte

Resumo: É possível ensinar o gênero textual entrevista de emprego? O que propõem os livros didáticos destinados à Educação de Jovens e Adultos para a didatização desse gênero oral? Este trabalho analisa o trato com o gênero textual entrevista de emprego na coleção de livros didáticos “Viver, Aprender”, da editora Global (2013), destinada à Educação de Jovens e Adultos. A obra, adotada por 17 (dezesete) municípios que compõem a rede pública municipal da Zona da Mata Norte de Pernambuco/Brasil, integra o conjunto de livros didáticos recomendados pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD (BRASIL/EJA, 2014). Como opção metodológica a pesquisa empregou a técnica de análise de conteúdo temático-categorial (BARDIN, 1997), cuja essência analítica visa explicar e sistematizar o conteúdo da mensagem e o significado desse conteúdo, por meio de deduções lógicas e justificadas. Os dados foram tratados de forma qualitativa, que segundo Minayo (1994, p. 21, 22), compreende “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”. tais dimensões encontram-se também nos livros didáticos, suportes situados em um contexto histórico, em nossa pesquisa, na Rede Pública da Mata Norte de Pernambuco, que se destina a sujeitos contextualizados, em nosso contexto, alunos/as pertencentes a modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Os resultados revelaram que a atividade disponibilizada pela coleção para o ensino do gênero em questão, apresenta um modelo didático que busca orientar sua realização, a partir de etapas que compõem a estrutura de uma entrevista e que são indispensáveis ao processo de ensino-aprendizagem desse gênero oral. Entretanto, percebe-se a necessidade do docente aprofundar os encaminhamentos propostos pela atividade quanto à dimensão do oral formal, em espaços extraescolares, promovendo maiores reflexões sobre a língua e sua adequação às diversas esferas comunicativas.

Palavras-chave: Ensino; Gênero Textual Entrevista de Emprego; Livro Didático; Jovens e Adultos.

Introdução

É possível ensinar o gênero textual entrevista de emprego na escola? O que propõem os livros didáticos destinados à Educação de Jovens e Adultos (EJA) para a didatização dos saberes relativos ao ensino desse gênero oral? Essas questões norteiam a nossa investigação, uma vez que a entrevista de emprego se apresenta como uma das principais atividades discursivas que os alunos, jovens e adultos, participam em sua vida social. Além disso, configura-se como ferramenta didática utilizada por livros escolares no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse trabalho, partimos do pressuposto de que a entrevista “é um gênero jornalístico de longa tradição” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p.73), porém, pertencente a mais de uma esfera comunicativa, podendo apresentar distintos graus de formalidade e regras de funcionamento.

Detemo-nos para tanto, no gênero entrevista de emprego, considerando-o com base nos estudos de Souza e Cristovão (2015, p.230), um gênero produtivo “para contemplar os quesitos que cada entrevistador julga necessário para obter informações sobre a formação do candidato, sua experiência profissional, sua experiência no exterior para fins profissionais ou relacionados a sua formação específica etc.”.

A entrevista de emprego se insere no computo de textos orais, estruturados na ordem do expor, que não fazem parte, de modo sistemático, do convívio privado dos indivíduos. Trata-se, portanto, de um gênero mais complexo, que necessita ser aprendido em um contexto de aproximação com as práticas sociais, nas quais se realiza, com vistas a oportunizar a reflexão sobre a fala pública. Postura que ressalta a importância de sua inserção em sala de aula, que pode se dar por diferentes demandas advindas da prática docente, das ações dos alunos ou das proposições de ensino dos livros didáticos.

No contexto de ensino, o livro didático configura-se como um currículo escrito que orienta (ou deveria orientar) as práticas curriculares e que assume diferentes funções no dia a dia do professor. Ele é um “instrumento impresso, intencionalmente estruturado” que se inscreve “num processo de aprendizagem, com o fim de lhe melhorar a eficácia”. (GÉRARD e ROEGIERS, 1998, p.19). Para os Parâmetros Curriculares Nacionais, os livros devem “levar os alunos a pensarem sobre a linguagem para poderem compreendê-la e utilizá-la adequadamente” às situações e aos propósitos definidos (BRASIL, 1997, p.21).

Esses livros, quando direcionados à EJA, devem compreender que essa modalidade de ensino é composta por adultos (homens e mulheres), providos de competências comunicativas (cuja base predominante é a oralidade) satisfatórias para os ambientes privados da vida social. Nesses sentidos, devem constituir-se como uma ferramenta capaz de trazer propostas que ampliem os espaços formais de produção, com vistas a consolidar a participação social dos sujeitos (MARCUSCHI, 2001). A esse respeito, a Proposta Curricular para a EJA (2001) orienta que compete a escola, e também aos livros didáticos, ampliar os conhecimentos linguísticos desses educandos, capacitando-os para produzirem e entenderem os diferentes discursos sociais, sejam eles formais ou informais.

Diante do exposto, esse estudo se propôs a investigar o gênero textual entrevista de emprego enquanto ferramenta de ensino nos manuais escolares, tomando para análise a coleção de livro didático da EJA “Viver, Aprender”, da editora Global (2013). Ressaltamos que essa coleção faz parte do computo de coleções adotadas pelas escolas públicas municipais dos 17 (dezessete)

municípios que compõem a Zona da Mata Norte Pernambucana, no período de 2015 a 2016, e recomendadas pelo PNLD (BRASIL/EJA, 2014) por oportunizarem não apenas a decodificação dos símbolos da escrita, mas a valorização da língua enquanto veículo de comunicação e expressão dos indivíduos.

Tendo em vista o *corpus* de análise da investigação ser composto por livros didáticos da EJA, assumimos os princípios da análise documental, enxergando-a como uma técnica de pesquisa que desvela aspectos novos de um tema ou um problema, permitindo a localização, a identificação, a organização e a avaliação das informações contidas no documento, a partir de um reflexo objetivo da fonte original, além de apresentar os fatos contextualizados (LUDKE e ANDRÉ, 1986; MOREIRA, 2005).

Como perspectiva analítica, os dados foram tratados de modo qualitativo, uma vez que esse olhar nos permite, segundo Minayo (1994, p.21-22), compreender “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”. De acordo com Ludke e André (1986), a pesquisa qualitativa é recorrente nos estudos que tratam do processo de ensino-aprendizagem, devido à complexidade de fatores que envolvem a realização dessa atividade.

Nesse artigo, inicialmente, apresentamos um diálogo com alguns fundamentos e concepções teóricas que dão suporte a discussão sobre a importância de se trabalhar a entrevista de emprego como gênero textual situado na interface entre oralidade e escrita. Posteriormente, trazemos a análise da atividade presente na coleção, destinada ao ensino do gênero entrevista de emprego, e tecemos algumas possíveis conclusões.

1 Ensino dos Gêneros Textuais

Na visão de Schneuwly e Dolz (2004), os gêneros textuais são respostas às demandas e às atividades socioculturais. Podem ser considerados como “mega-instrumentos” heterogêneos e flexíveis, historicamente construídos para mediar a comunicação social. Em outra acepção, mas ainda com base nos autores supracitados, essas formas relativamente estáveis de enunciados (gêneros) são categorizadas a partir de três elementos essenciais: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Sem esquecer, no entanto, que a sua função primeira é social, ou seja, eles devem atender as demandas de diferentes contextos de uso de nossas práticas diárias. Portanto, escolher um gênero textual é atentar para a esfera de circulação em que ele está inserido, as

necessidades da temática que se almeja tratar, o conjunto dos participantes e sua vontade enunciativa ou intenção.

De uma forma geral, os gêneros são definidos a partir de seus propósitos comunicativos, estes são caracteristicamente estáveis e maleáveis, permitindo serem moldados e adaptados às diversas necessidades humanas e aos variados eventos de letramentos sociais. Os gêneros são, portanto, resultado das suas condições de produção: quem diz o que, para quem, em que situação, através de que instrumento e com que propósito comunicativo (MENDONÇA, 2007).

A heterogeneidade apresentada pelos gêneros textuais e a diversidade das esferas comunicativas em que eles se apresentam fez Bakhtin (1984) organizá-los em duas categorias distintas: primária e secundária. Os gêneros primários compreendem aqueles elaborados em circunstâncias de comunicação verbal espontânea, ligados às esferas sociais cotidianas das relações humanas, às formas de diálogo e às interações face a face. Já os gêneros da categoria secundária estão atrelados a circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e evoluída. Ainda conforme o autor, “os gêneros secundários absorvem e transformam os gêneros primários, deixando de ter uma relação imediata com o real existente e com os demais enunciados.” (DOLZ e GAGNON, 2015, p. 33, *apud* BAKHTIN, 1984).

No campo dessas discussões, a entrevista de emprego, enquanto gênero, predominantemente formal público, necessita de um controle mais consciente/planejado do comportamento linguístico. É a partir dessa informação que nosso estudo se acentua, pois gêneros orais formais públicos são regidos por convenções pré-estabelecidas e, por isso, necessitam de uma antecipação e um planejamento pedagógico sistematizado. Ensiná-los é proporcionar aos indivíduos o desenvolvimento de competências necessárias à participação em situações públicas de uso da linguagem que, na maioria das vezes, poderão não ser aprendidas no cotidiano das práticas sociais. Competências como,

escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção; [...] saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas (*especialmente as formais públicas*); saber coordenar e *planejar* satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa, dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. (BRASIL, 1997, p.31, grifos nossos).

Essa percepção ressalta a necessidade de fazer parte do processo de ensino-aprendizagem a sistematização de competências discursivas mais complexas, formas mais elaboradas e reguladas,

que ultrapassem as produções orais cotidianas já dominadas pelos indivíduos (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004). Nesse processo, a escola deve ser um lugar em que as diferentes formas discursivas (gêneros textuais) sejam colocadas em circulação, com vistas a contribuir para a construção não apenas das formas típicas dos discursos escritos, mas também das formas típicas da oralidade pública formal (ROJO, 2001).

O ensino do gênero entrevista emprego insere-se nessa gama de ferramentas essenciais ao processo de apropriação do uso da fala em situações públicas formais. Considerando, nesse caso, conforme Dolz e Gagnon (2015, p.35), que “o termo ferramenta diz respeito a todo artefato introduzido na classe das línguas de um modo geral, que servem ao ensino-aprendizagem das noções e capacidades postas a serviço de um ou de uma aprendizagem particular”. O trabalho com esse gênero em sala de aula é de suma importância, principalmente no contexto da Educação de Jovens e Adultos, tendo em vista que se trata de uma atividade bastante corriqueira na vida desses educandos, estando relacionada, portanto, a sua sobrevivência.

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004, p.73),

a entrevista é uma prática de linguagem altamente padronizada, que implica expectativas normativas específicas da parte dos interlocutores, como num jogo de papéis: o entrevistador abre e fecha a entrevista, faz perguntas, suscita a palavra do outro, incita a transmissão de informações, introduz novos assuntos, orienta e reorienta a interação; o entrevistado, uma vez que aceita a situação, é obrigado a responder e fornecer as informações pedidas. Geralmente, os dois interlocutores ocupam papéis públicos institucionalizados; a natureza da relação social e interpessoal condiciona fortemente a relação que se instaura entre os dois.

Posicionamento que justifica a importância da entrevista fazer parte dos conteúdos escolares, já que seu ensino possibilitará aos alunos tomarem consciência dos diferentes papéis sociais que compõem esse evento comunicativo, estabelecendo instâncias internas de regulação que os permita conduzir apropriadamente as tarefas de entrevistar e ser entrevistado. Atentando, ainda, para as diferentes partes que compõem a sua estrutura canônica, a saber: abertura, fase de questionamento ou núcleo e fechamento; e para a aprendizagem dos turnos conversacionais, “a formulação de questões e a utilização, por parte do entrevistador, de intervenções rápidas que permitem dar corpo, continuidade e retomada ao tema abordado pelo entrevistado, com novas questões ou comentários”. Esse “o jogo fictício de entrevista”, ajuda o aluno a aprender “a tratar e interiorizar um papel social para si próprio e o papel dos outros parceiros” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p.74-75).

Desse modo, é propício afirmar, que a didatização do gênero entrevista de emprego colabora para o desenvolvimento de competências comunicativas necessárias ao domínio da palavra pública formal e, conseqüentemente, para a promoção do exercício da cidadania, uma vez que possibilita ao aluno a aprendizagem de se posicionar como um *expert* sobre um determinado assunto, expondo-o socialmente.

Vale salientar, que o ensino de língua preocupado verdadeiramente com a formação integral cidadã dos alunos, ultrapassa a concepção que a considera como um conjunto potencial de signos, desvinculada da realidade. Tomar a língua em suas diferentes modalidades (oral ou escrita) enquanto eixo didático é evidenciá-la a partir da interação e não como uma forma abstrata, desprovida de sujeitos. Trata-se de um ensino onde o que se sobressai é o estudo do texto em construção e interpretação de um dizer e de um fazer, um texto que estabelece um ponto de encontro entre dois (ou mais) sujeitos historicamente presentes num aqui e num agora definidos. Um texto vivo, que não acontece apenas para servir como um treino (ANTUNES, 2009).

Diante disso, é necessário que os professores e também os livros didáticos (tendo em vista serem eles um dos principais recursos didáticos disponibilizados pelo Ministério da Educação (MEC) aos alunos, que chega a escola pública brasileira para se somar as ações de ensino e de aprendizagem promovidas pelos docentes) considerem, antes de evidenciarem as diferentes habilidades e conhecimentos que podem ser aprendidos através dos gêneros textuais e suas diferentes ordens tipológicas, as características deles enquanto objetos de interação social, que devem circular nas escolas e na sociedade a partir de funções que lhe são específicas (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004).

Nessa direção, o trabalho que ora apresentamos põe em evidencia o que a coleção de livros didáticos da EJA “Viver, Aprender” propõe para o ensino do gênero textual oral formal entrevista de emprego, enfatizando a necessidade do olhar sobre a dimensão expositiva que o caracteriza. Vejamos a seguir os resultados de nossa análise.

2 Gênero Textual Entrevista de Emprego: ferramenta de ensino no livro didático da EJA

Imersas na proposta da coleção “Viver, Aprender”, observamos que a entrevista de emprego aparece citada em 01 (uma) ocorrência, sendo tomada por nós para análise e apresentada logo a seguir.

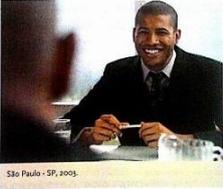
Atividade: Produção de uma Entrevista de emprego – Coleção “Viver, Aprender”.

Depois de pronto, faça a revisão e mostre seu currículo a um colega. Peça que ele imagine que tipo de empresa teria interesse em contratar você. Verifique se a resposta coincide com o que você deseja como emprego. Se não coincidir, é possível pensar em algumas alternativas: preparar-se melhor para o emprego desejado ou pensar em outro tipo de emprego, que se encaixe melhor com o que você já sabe fazer. É preciso lembrar que as empresas só recebem currículos digitados no computador.

LOGO DEPOIS... VEM A ENTREVISTA DE EMPREGO

Se o currículo for selecionado, a empresa pode chamar a pessoa para uma entrevista de emprego ou para um teste. O teste normalmente é prático, ou seja, o candidato deverá demonstrar que sabe realizar o serviço solicitado. Por exemplo, um serralheiro vai fazer algum trabalho com ferro, uma faxineira vai limpar a casa ou algum cômodo, etc.

Já a entrevista de emprego é feita por quem seleciona os funcionários. Nessa entrevista, as perguntas são feitas para conhecer melhor o candidato, saber informações que não estão no currículo. Muitas vezes, essa entrevista é feita como se fosse uma conversa, mas, na verdade, é uma maneira de a empresa avaliar se vale a pena contratar o candidato.



São Paulo - SP, 2005.

EM RODA

Quem vai passar por uma entrevista, muitas vezes, fica tenso porque não imagina quais perguntas serão feitas ou como responder a elas.

Discuta com seus colegas:
Imagine um cargo (ou uma função) para o qual você se candidataria.

- Quais perguntas você imaginou que lhe fariam numa entrevista para esse tipo de emprego?
- Como você acha que alguém se sairia bem em uma entrevista para esse emprego?
- É melhor dizer a verdade na entrevista, mesmo arriscando o emprego, ou mentir, para tentar conseguir a vaga? Por quê?
- Que tipo de linguagem você acha que deve ser utilizada nessas situações?

Compare o que foi discutido até agora com o que diz o texto a seguir. Verifique se as opiniões da turma se parecem com as orientações do texto ou se, depois da leitura, você mudaria de opinião sobre algum aspecto discutido.

Como se comportar durante uma entrevista de emprego

[...]

A entrevista

O selecionador está apenas interessado em saber como você pode beneficiar a empresa. São feitas muitas perguntas e o candidato precisa estar preparado para respondê-las com total confiança, para assim fazer com que o entrevistador acredite nas respostas.

Antes de ir para entrevista o candidato deve se preparar. Seguem algumas dicas:

- Procure conhecer a empresa antes da entrevista.
- Nunca se atrase e nem chegue muito antes do horário marcado.
- Boa apresentação (boa higiene, cabelos e barba feitos; unhas cortadas e limpas); roupas discretas (mulheres sem decote e homens sem bonê); jamais use óculos escuros.
- Fale com clareza e seja objetivo.
- Evite linguagem informal e nunca use gírias.
- Não fale mal de seus patrões e empresas anteriores.
- Esteja preparado para responder sua pretensão salarial, horário de trabalho, disponibilidade de mudar de cidade, etc.
- Procure enfatizar, além dos cargos ocupados, as contribuições que você trouxe para a empresa.
- Evite dar respostas curtas (ex.: Sim, Não e E).
- Não faça piadas, não mastigue chicletes ou balas e não fume.
- Não minta.
- Não leve outra pessoa com você.
- Cuide do seu hábito.
- Desligue o celular.
- Não demonstre impaciência.
- Não mexa nas coisas do entrevistador e nem crie intimidade com ele.

- Mantenha contato visual: seja firme, olhe nos olhos.
- Não masque chicletes, não use bonê, seja simpático, tanto com o porteiro, quanto com o selecionador.
- Atente para o seu tom de voz (não fale muito alto nem muito baixo).
- Conheça bem seu currículo (leia-o antes da entrevista). [...]

Fonte: Prefeitura de Cidade de São Paulo, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/trabalho/educacao/emprego/index.php?secao=trabalho-em-vaga>

PENSANDO SOBRE A LINGUAGEM

Leia as frases abaixo e responda às questões no caderno.

– O senhor é casado? – pergunta o gerente ao candidato.
– Não, senhor, mas apesar disso, faço tudo o que me mandarem.

1. Por que o candidato à vaga responde ao chefe que faz tudo o que lhe mandarem?
2. Por que você acha que tanto o gerente quanto o entrevistado usam o tratamento “o senhor” e não “você”?
3. Em que situações usamos o tratamento “o senhor” ou “a senhora” e em que situações usamos “você”? Por quê?
4. Você acha que é mais adequado usar o tratamento “o(a) senhor(a)” ou “você” nas entrevistas de emprego? Por quê?
5. Na sua região, para que profissões é preciso realizar uma entrevista de trabalho?
6. Com a ajuda de seus colegas e de seu professor, descubra sobre qual é a forma mais adequada de falar em uma entrevista de trabalho.

“PREENCHA O CADASTRO, POR FAVOR”

O cadastro ou a ficha cadastral é um documento da empresa com as informações dos funcionários. É comum o responsável da empresa pedir que você diga as informações do cadastro enquanto ele escreve. Ele pode pedir que você mesmo preencha o cadastro para depois passar a limpo as informações. Por isso, é importante saber preencher essa ficha, pois o relacionamento com a empresa começa nesse momento.

Fonte: Viver, Aprender, 2013, volume 3, p. 323-324-325.

A atividade analisada tem sua proposta didática arquitetada na realização/reflexão de uma “Entrevista de emprego”. Essa proposta está contida no Eixo 4 da obra, cuja temática é “Mundo do trabalho”, mais especificamente no Capítulo 6 - “Textos do mundo do trabalho”. A obra disponibiliza um tema cujos princípios dialogam com dimensões definidas por Schneuwly e Dolz (2004), como sendo importantes para a realização de um trabalho com os gêneros orais, a saber: i) apresenta uma dimensão psicológica, uma vez que considera um assunto relacionado ao interesse do aluno da EJA, o mundo do trabalho – atividade desenvolvida por ele diariamente, relacionada, portanto, a sua sobrevivência; ii) envolve uma dimensão cognitiva, pois o grau de complexidade com que é tratado está adequado ao nível cognitivo desses educandos; iii) envolve uma dimensão social, pois trata com uma proposta que faz sentido de fato a realidade do educando jovem e adulto; e por fim, iv) apresenta uma dimensão didática, admitindo as características necessárias que o permite ser trabalhado como objeto de ensino-aprendizagem.

A atividade disponibiliza um modelo didático¹ composto por categorias que se desenham no processo analítico de construção/didatização do gênero, conforme aparenta distintas especificidades. Vejamos a seguir os encaminhamentos ofertados a partir das diferentes categorias apresentadas.

¹ De acordo com Dolz e Gagnon (2015), o modelo didático é constituído pelas características próprias de cada gênero e pelos aspectos que possibilitam o seu ensino e a sua compreensão pelos alunos.

A proposta é iniciada com a “Introdução”, convidando os alunos a refletirem sobre uma possível convocação para uma entrevista de emprego, através do envio do currículo para uma empresa. As seguintes afirmações são ofertadas:

Se o currículo for selecionado, a empresa pode chamar a pessoa para a entrevista de emprego [...]. A entrevista de emprego é feita por quem seleciona os funcionários [...], perguntas são feitas para conhecer melhor o candidato [...]. Muitas vezes a entrevista é feita como se fosse uma conversa, mas, na verdade, é uma maneira de a empresa avaliar se vale a pena contratar o candidato (BUNZEN *et al.*, 2013, p. 323).

Essas informações coincidem com a definição de entrevista de emprego proposta por Souza e Cristovão (2015, p.238), que considera esse gênero como “um método avaliativo eficiente durante processos seletivos de contextos diversos. Trata-se de um instrumento de controle sobre a vida das pessoas”.

Seguindo o seu percurso didático metodológico, a atividade disponibiliza a etapa de “Apresentação”, chamando a atenção para a questão de possível nervosismo durante a realização do gênero entrevista de emprego. Logo em seguida, há o chamamento para os alunos discutirem entre si as indagações que seguem, tendo como base um cargo ou função para o qual se candidatariam: i) Quais perguntas você imagina que lhe fariam numa entrevista para esse tipo de emprego? ii) Como você acha que alguém se sairia bem em uma entrevista de emprego? iii) É melhor dizer a verdade na entrevista, mesmo arriscando o emprego, ou mentir, para tentar conseguir a vaga? Por quê? iv) Que tipo de linguagem você acha que deve ser utilizada nessas situações? (BUNZEN *et al.*, 2013, p.324).

Observe que tais questões movem a discussão em torno do gênero e convidam os alunos a refletirem. Vale salientar que, como sendo essa uma atividade complexa, a proposta mencionada pode ser encarada como um momento de ficcionalização, ou seja, “uma representação puramente interna, cognitiva, da situação de interação social” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p.122). Esses autores também consideram que “a ficionalização [...] é uma operação geradora da forma do conteúdo do texto: ela é o motor da construção da base de orientação da produção” (p.122). A dinâmica proposta através das indagações permite que o aluno, além de opinar, faça a defesa do seu ponto de vista: “É melhor dizer a verdade na entrevista, mesmo arriscando o emprego, ou mentir, para tentar conseguir a vaga? Por quê?” (BUNZEN *et al.*, 2013, p.324). É importante enfatizar que para opinar o aluno precisa fazer uso da fundamentação de seus argumentos, de modo a apresentar a sua posição, ouvir a posição do outro e, quem sabe, alterar o seu pensamento inicial em relação ao

questionamento. Competência essencial que não se restringe apenas ao gênero em questão, mas a diversas situações comunicativas.

Ainda nesse contexto discursivo, a proposta ganha força quando convida o aluno a pensar sobre o tipo de linguagem que deverá ser utilizado nessa situação. É um momento propício para que o professor explique sobre a importância da linguagem oral formal, que em ambiente familiar ou na interação com os amigos é natural que se fale uma linguagem menos formal, mais coloquial, mas que em uma situação mais formal, como a de uma entrevista de emprego, o uso da linguagem oral formal é imprescindível. Portanto, há a necessidade de se aprender a adequar a fala às diversas situações comunicativas existentes socialmente (MARCUSCHI e DIONÍSIO, 2007).

A proposta chega ao seu final com a orientação para que o aluno compare as informações discutidas com o texto que segue a atividade, através de observações como: “Verifique se as opiniões da turma se parecem com as orientações do texto e se, depois da leitura, você mudaria de opinião sobre algum aspecto discutido” (BUNZEN *et al.*, 2013, p.324). O texto em questão tem como título “Como se comportar durante uma entrevista de emprego” e está disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/trabalho/dicas/entrevista_de_emprego/index.php?p=623> (Acesso em 18 de Setembro de 2016). Trata-se de uma espécie de manual com dicas que o candidato deve utilizar ao longo do evento entrevista de emprego, como por exemplo: “Fale com clareza e seja objetivo”, “Evite linguagem informal e nunca use gírias”, “Atente para o seu tom de voz (não fale muito alto nem muito baixo)” (BUNZEN *et al.*, 2013, p.324-325). Essas dicas dizem respeito à postura a ser assumida pelo entrevistado durante a realização do gênero. Entretanto, são apresentadas de maneira superficial ao longo da obra, necessitando, portanto, do auxílio do professor de modo a ampliar a discussão sobre a importância de saber/aprender a adequar a língua aos diversos tipos de situações e contextos, promovendo, assim, a reflexão sobre a língua formal em diferentes esferas comunicativas.

De um modo geral, de posse das observações supracitadas, nos é permitido afirmar que a atividade está pautada em elementos que colaboram para a reflexão sobre o uso da fala pública em situações formais. Trata com temática pertinente, que vai de encontro à realidade social vivenciada pelo educando jovem e adulto. Promove a reflexão sistemática sobre os diferentes papéis sociais que compõem o gênero entrevista, levando o aluno a assumir o papel de entrevistado e entrevistador. Aborda algumas etapas necessárias para a construção/didatização do gênero com eficácia e entendimento. Porém, apresenta algumas lacunas que precisam ser supridas/melhoradas pelos autores dos manuais, no sentido de contribuir para a sistematização eficaz da oralidade

enquanto eixo de ensino, já que, por exemplo, não promove uma discussão de forma mais aprofundada sobre o tipo registro linguístico a ser utilizado na entrevista de emprego. Não há, também, orientações quanto ao emprego de uma linguagem clara e objetiva, que contribua para a segurança e o desempenho do aluno durante a produção/realização do gênero. Portanto, fica a critério do professor ofertar/aprofundar essas orientações, no sentido de ajudar o aluno a pensar sobre o contexto de realização do gênero, que envolve reflexões extralinguísticas, paralinguísticas e cinésicas (CAVALCANTE e MELO, 2006).

Conclusão

O objetivo desse artigo foi analisar as estratégias didáticas para o ensino do gênero entrevista de emprego em 01 (uma) coleção de livro didático da Educação de Jovens e Adultos, a saber, Coleção “Viver, Aprender”, Editora Global, 2013, adotada pelas escolas dos 17 (dezessete) municípios que compõem a Mata Norte Pernambucana e recomendada pelo Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos – PNLD – (BRASIL/EJA, 2014), por disponibilizar um trabalho com o eixo oralidade, cujo objetivo ultrapassa a decodificação dos símbolos da escrita, consistindo na valorização da língua enquanto ferramenta de uso.

O cenário da investigação nos revelou a presença de 01 (uma) atividade voltada ao ensino do gênero entrevista de emprego. Com vistas a atingirmos nosso objetivo, nos debruçamos sobre a atividade apresentada objetivando saber o que a coleção ofertava para o ensino desse gênero oral, voltando nosso olhar, principalmente, para a dimensão expositiva que o caracteriza.

Assim, os dados revelaram que a atividade disponibiliza um modelo didático que busca orientar a produção/realização do gênero e apresenta etapas que compõem a estrutura de uma entrevista, indispensáveis ao processo de ensino-aprendizagem. Essas etapas dizem respeito à “abertura, fase de questionamento ou núcleo e fechamento” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p.74). Durante a realização/exploração dessas etapas, é possível que o aluno aprenda características essenciais que permeiam esse gênero textual.

A proposta também traz alguns elementos que ajudam os alunos a compreenderem e refletirem com autonomia sobre a utilização da linguagem em espaços extraescolares, como, por exemplo, o uso da formalidade no planejamento e na execução do gênero. Mesmo que de modo pouco aprofundado, existem momentos convidativos para a reflexão sobre o tipo de registro linguístico a ser empregado na efetivação de um gênero oral formal. Porém, sinalizamos que esses

momentos podem ser complementados com o auxílio do professor de modo a expandir o debate sobre os tipos de linguagens existentes e a necessidade de aprender a adequar a língua as variadas situações comunicativas.

Por fim, afirmamos que as estratégias utilizadas pela coleção para o trato com a entrevista de emprego, enquanto ferramenta de didatização, contribuem para o desenvolvimento de novas formas de pensamento, inserção e atuação dos sujeitos/alunos no meio em que vivem, a partir da utilização da linguagem em situações que não se restringem aos espaços escolares e a comunicação informal cotidiana. Nessa perspectiva, ela favorece a ampliação de competências necessárias ao uso da fala em múltiplas práticas de linguagem com as quais os alunos têm contato ao longo de sua participação social cidadã.

Referências

- ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Editora, 2009.
- BAKHTIN, M. (1984). **Esthétique de l'acréation verbale**. Paris: Gallimard.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Guia dos Livros Didáticos do PNL D EJA 2014**. Natal: EDUF RN, 2014. 1 CD-ROM: il.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília. 1997.
- BUNZEN, C. et al. **Viver, Aprender – Direitos e Participação – V.3**. Editora: Global, São Paulo, 2013 – 1ª edição.
- CAVALCANTE, M. C. B e MELO, C. T.V.de. Oralidade no ensino médio: em busca de uma prática. In: BUZEN, C.; MENDONÇA, M. (org.). **Português no ensino médio e a formação do professor**. São Paulo: Parábola Editora, 2006.
- DOLZ, J.; GAGNON, R. O gênero de texto, uma ferramenta didática para desenvolver a linguagem oral e escrita. In: BUENO, L.; COSTA-HÜBES, T. da C. (Orgs.). **Gêneros orais no ensino**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. (Série Ideias Sobre Linguagem).
- GÉRARD, F. M.; ROEGIERS, X. **Como conceber e avaliar manuais escolares**. Portugal: Porto, 1998.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita.** Atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO A. P. (Orgs.). **Fala e Escrita.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MENDONÇA, M. Gêneros: por onde anda o letramento? In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações.** 1 ed., 1reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MINAYO, M. C. S. (org). **Ciência Tecnologia e Arte: o desafio da pesquisa social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOREIRA, S. V. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005. p. 269-279.

RIBEIRO, V. M. (coord.). Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: **proposta curricular 1º segmento / coordenação e texto final (de).** Brasília: MEC. Ação Educativa; 2001. P.239.

ROJO, R. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula. Diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: Inês S. (Org.) **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento.** Campinas, SP: Mercado de Letras. 2001.

SCHNEUWLY B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Trad. e Org.: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SOUZA, K. A. de; CRISTOVÃO, V. L. L. O gênero textual “Entrevista de emprego”: suas características na esfera acadêmica, visando a escolas de idiomas. In: BUENO, L.; COSTA-HÜBES, T. da C. (Orgs.). **Gêneros orais no ensino.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. (Série Ideias Sobre Linguagem).